

DOCUMENTO PROPOSITIVO PARA UM PLANO DE AÇÃO DA REDPES 2019-2020

(A PARTIR DOS NOSSOS CONTRIBUTOS DO DIA 9 DE FEVEREIRO 2019)

INTRODUÇÃO

A REDPES tem uma curta história de três anos em que, praticamente não passou de um processo de intenções, estando num momento de tacteamento, num processo que se deseja com um propósito claro, concreto e mobilizador...

A possibilidade de construirmos esse percurso e de assegurarmos o processo implica uma efetiva e empenhada, animação, participação e envolvimento de organizações e pessoas que se identificam com a Economia Solidária.

Implica a assunção de um compromisso de nos envolvermos de uma forma ativa e esclarecida num movimento reinventado a cada passo, ascendente e instituinte, com capacidade para discutir, refletir e consolidar práticas e, ao mesmo tempo integrar e valorizar conceitos.

Temos de aceitar o desafio de:

- efetivar e dar sentido coerente a uma rede de organizações e pessoas
- mobilizar para a ação concreta, através de uma matriz colaborativa e muito prática
- “baixar” a REDPES às bases, numa abordagem bottom up

Perante as evidências do trabalho que desenvolvem, a que se associa uma determinada invisibilidade das Organizações de Economia Solidária (OES), a qual se traduz numa incapacidade de se auto-reconhecerem como organizações de ES, bem como a urgência da afirmação externa deste movimento, temos de assumir algumas tarefas:

- tornar consciente as práticas de Economia Solidária nas organizações que fazem um aproximação ao conceito de ES, ainda que não tenham a plena noção desse processo
- aprofundar as suas práticas e a emergência interna do conceito, valorizando o diálogo e a interação com a academia
- dar visibilidade externa ao seu trabalho para que a ES seja reconhecida, para que o conceito ganhe sentido e se clarifique, através da partilha de práticas e experiências
- divulgar e pugnar pela economia solidária enquanto modelo alternativo emergente, mas com um longo caminho a percorrer, em Portugal.

Este processo, bem estruturado, poderá responder a uma certa decepção dos associados, valorizando a componente prática e direta da REDPES, a partir de um olhar para e a partir de dentro.

Ou seja, empenharmo-nos em aprofundar e debater, porque não há OES puras, mas organizações em processo, na maior parte dos casos, não consciente, não intencional e não linear.

E se somos caracterizados por uma certa insurgência, em desenvolvimento aleatório, porque não dar-lhe um sentido emergente, estruturante, animando uma utopia, pugnando pela Economia Solidária, enquanto modelo alternativo, afirmando a sua diferenciação face à Economia Social ?

Os associados da REDPES têm de pensar o que precisam para ultrapassar determinados bloqueios.

Que problemas são mais comuns e que perguntas precisamos de fazer..

Como se soluciona a falta de apoio e de estrutura para enquadrar o trabalho de terreno?

Que funcionalidades podemos ter ?

Que respostas para constrangimentos de natureza fiscal, contabilística, legislativa e de construção de projetos?

Como fornecer esse serviço às organizações que estão no terreno?

Como se pode colaborar com os pequenos produtores locais na articulação com os consumidores?

E como estabelecer redes de produtores locais para complementar a escassez de oferta de alguns produtos em alguns territórios ?

Esta questões que colocamos no dia 9F (e que fomos refletindo), também nos levaram a equacionar problemas e ameaças:

- a necessidade de construir uma capacidade organizacional competente e estável para manter a rede a funcionar
- a (in)disponibilidade das pessoas e organizações para assegurar uma participação ativa e comprometida

A um outro nível (em complementaridade e com o seu carácter conflituante), coloca-se o desafio do diálogo e articulação entre a teoria e a prática, entre o campo da ação e o campo da Academia.

Como se disse no dia 9F, para uns é uma necessidade e dá trabalho; para os universitários é trabalho. O trabalho académico, mercê das metodologias de observação que usa e de um conhecimento amplo acumulado sobre a realidade que observa, permite descortinar, para além da experiência imediata dos sujeitos, um conjunto de fatores mais dificilmente perceptíveis que condicionam os propósitos desses sujeitos quer favorecendo quer limitando a sua ação. A designada teoria não é mais do que uma síntese interpretativa dessas condicionantes que resulta da observação muitos casos, em diferentes contextos. Portanto, não deve existir uma teoria que seja desligada das práticas dos atores. Ter-se-á de levar a

Economia Solidária à Academia de uma forma séria e não fantasiada, animando a utopia, mas sem forçar, nem acreditar nas suas práticas (mais ou menos visíveis, mais ou menos ocultas), apenas por crença ideológica. Mais que a internalização de conceitos ou a sua acomodação, deve-nos interessar a reflexão na ação e sobre a ação, balizada pelo diálogo e pelo desafio.

Se conseguirmos uma sequencialidade de ações, uma hierarquia de realizações e de consolidações, deixaremos para mais tarde a tentativa de convencer a Economia Social de uma inimidade; mas que a Economia Solidária constrói sentido e aprofunda a Economia Social. Isto decorrerá, em primeiro lugar da tomada de consciência da nossa diferenciação face à Economia Social.

MODELO ORGANIZACIONAL

Perante os desafios e as tarefas a efetivar, coloca-se a pertinência de definir um modelo organizacional.

Terá de ser uma organização híbrida, com momentos híbridos de organização, perante as problemáticas e os desafios do terreno...

Que estrutura para coordenar um trabalho exigente, inovador e que procura novos caminhos?

Que compromissos e que ética devemos assumir quando estamos num modelo organizacional que se deve caracterizar por uma determinada horizontalidade e ambiente co-operativo ?

Como assegurar uma gestão quotidiana e uma gestão temática/grupos de trabalho sendo uma Direção uma estrutura de coordenação ?

Que instrumentos de pilotagem, de regulação e de monitorização que nos permitem assegurar uma auto-gestão e uma visão global e integrada do trabalho e dos resultados que desenvolvemos ?

Que tipo de reuniões (skype e presenciais) podem ser importantes e que periodicidade ? Ainda em ponto fixo ou em territórios ?

Para um aglomerado de questões, aconteceram no dia 9F algumas respostas/hipóteses:

- um modelo organizacional definido por dois aspetos essenciais:

- ser liderado *bottom-up* por pessoas das organizações de base
- ser regionalizado, porém é preciso ter em conta que somos muito poucos
- ser aquilo que se diagnostique como pertinente para essas pessoas e ser o que essas pessoas querem que seja e que, por sua vez, são capazes de fazer e assegurar

- um plano de ação que parta de problemas e necessidades das organizações e que partilhem a sua reflexão numa lógica construtiva e transformadora

- um trabalho em rede que multiplique as possibilidades e as respostas, com uma perspectiva transformadora, instituinte e de algum sobressalto.

- um trabalho em rede que trate a visibilidade e comunicação da rede e da Economia Solidária

- é estruturante, para o sucesso da Redpes, gerir a tensão entre uma necessidade de construir uma capacidade organizativa competente e estável e a (in)disponibilidade das pessoas para assegurar, de forma constante e sistemática a gestão da Redpes

Merece uma reflexão fundada a manutenção ou não do estatuto associativo que a REDPES instituiu. Se é verdade comporta algumas obrigações – ter órgãos sociais e competências distribuídas, realizar assembleias gerais e elaborar atas dessas reuniões, votar planos de atividades, relatórios de atividades e de contas, manter uma contabilidade, tem a vantagem de ser uma estrutura formal que pode fazer acordos com outras instituições, ser reconhecida publicamente e, não menos importante, pode concorrer a programas e apoios institucionais. As questões que se devem colocar são as seguintes: a estrutura organizativa estatutária inviabiliza a gestão mais descentralizada que se pretende? Os custos de manter a associação não serão compensados pela vantagem da sua formalização tendo em conta os desafios futuros deste tipo de organizações?

METODOLOGIAS PRO-ATIVAS E COLABORATIVAS

1 - organizar os seminários e encontros como espaços abertos e cativantes, como rodas de conversa para sensibilizar outras pessoas e outras organizações que se identificam com o nosso movimento. Não enveredarmos, numa fase inicial, por seminários temáticos

2 - Identificar e caracterizar dificuldade e problemas, sejam de que ordem forem, através de uma fase de construir um diálogo e de respostas em rede.

3 - Dinamizar um trabalho em rede que integre a investigação, a construção e a socialização do conhecimento, mas sem que investigadores e alunos cheguem pré-formatados; que “olhem” território e a vida das pessoas e das organizações como ponto de partida.

4 - Tentar o crowdfunding como estratégia para o financiamento.

5 - Criar uma plataforma comum que se construa com base no consenso e no compromisso.

6 - Desenvolver uma abordagem colaborativa em que cada associado tem de identificar os contributos que pode disponibilizar/dar à rede e os compromissos que quer assumir. Também identificar o que os associados precisam de receber da rede. Implica saber quem é e como é.

7 - Definir uma visão crítica e construtiva para que os projetos tenham e assumam as características e os valores da Economia Solidária.

Implica criar o apoio de conhecimento e de estruturar para que outras experiências se implementem.

8 - Assumir a Redpes como uma rede de incubação de projetos de economia solidária.

9 - Ter uma visão integrada que evite a divisão entre aqueles que pensam e aqueles que fazem; entre os que representam coletivos e aqueles que são individuais. Discutir a dimensão dos associados individuais para que não haja a dimensão dos coletivos e dimensão dos individuais.

10 - dinamizar um processo de acolhimento, de abertura de portas a outras organizações que são desta área e não estão cá.

11- Iniciar uma aproximação ao campo teórico porque não há OES “puras”, mas que estão em processo. Por outro lado, é preciso uma clarificação de conceitos (nas OES e na sociedade).

PROPOSTAS DE AÇÕES

- um plano de ação que parta de problemas e necessidades das organizações e que partilhem a sua experiência e reflexão numa lógica construtiva e transformadora

- realizar um encontro/convenção de economia solidária (dois em dois anos, anual?) para troca de experiências, reflexão, aprofundamento, aprendizagem e construção de conhecimento, criando-se desde já, uma comissão instaladora/grupo de trabalho, para a sua conceção e operacionalização.

Um dos objetivos será a visibilidade, a promoção e a disseminação da ES. Ter uma componente de Feira de Economia Solidária. Encontro com um serviço integrado de baby-sister e, sempre que possível, envolver os filhos na divulgação e no apoio a atividades do encontro.

- ter uma agenda para a comunicação (newsletter e mails)

- realizar ações que valorizem e operacionalizem a Economia Solidária nas organizações e nos territórios. saber quais os projetos de ES que estão ativos no terreno

- uma organização capaz de conceber projetos como respostas a problemáticas concretas dos territórios e das OES e como um caminho para os transformar em respostas perenes.

- chegar a uma organização territorial da redpes.

GRUPOS DE DE TRABALHO

Os grupos de trabalho têm de ser definido num modelo flexível de Grupos de Trabalho Temático, de Reflexão, de Ação e de Resposta a Problemas e Necessidades, formados por pessoas e organizações que partilham problemas, soluções e recursos, construindo trabalho e reflexão (por exemplo, grupo de trabalho para a habitação, grupo de trabalho para o cooperativismo)

1 - Grupo de trabalho que faça a pesquisa e a candidatura a financiamentos.

2 - Grupo de trabalho para estudar serviços e projetos concretos, viáveis e sustentáveis. Um apoio efetivo para não se gaste imensa energia e imenso dinheiro par formalizar a organizações que não são sustentáveis nem viáveis.

3 - Grupo de trabalho para as moedas locais

4 - Grupo de trabalho comunicação (design gráfico, gestão de newsletter, redes sociais)

5 - Grupo de trabalho para a comunicação externa e interna

6 - Grupo de trabalho encontro ou grupo de trabalho partilha de conhecimentos entre associados

7 - Grupo de trabalho para articulação com com redes internacionais (XES, Fórum Mundial das Economias Transformadoras, RIPESS, etc)

8 - Grupo de trabalho para a conceção, organização e dinamização do encontro/convenção anual de ES

9 - Grupo de trabalho de Apoio à Gestão das Organizações